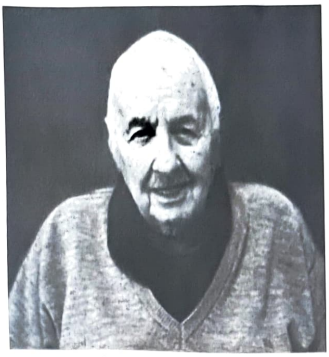
Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Os três chafarizes

"Eu sou de lá, das Termas de Lindóia, hoje Águas de Lindóia, minha cidade natal. Um dia, vim para cá morar com a saudosa tia Ada, irmã de meu pai. Vim porque precisava continuar os estudos no curso ginasial, que ainda não existia na minha cidade, deixando para trás família e amigos de infância.

Vim morar na Rua da Várzea, perto das vendas do Irineu Corsetti, do Rumualdo Ferraresso e do Batista Ciambelli, e das sapatarias do Juca e do Zico. Já sabia o que iria encontrar por aqui, pois acompanhava meu pai quando este vinha para Serra Negra visitar a irmã. Já conhecia aqueles que seriam meus novos companheiros no futebol, a coisa que eu mais gostava de fazer, e nas brincadeiras favoritas da molecada daquele tempo.



Olinto Mário Angeli, o Balo, será sempre lembrado por sua alegria, simplicidade e amor por Serra Negra | Arquivo de Nestor Leme

Cheguei numa Serra Negra completamente diferente da que hoje vivemos. Era uma cidade de casario baixo, com poucas pessoas transitando pelas ruas, por onde ainda circulavam carroças puxadas por burros, além de poucos carros e caminhões. Ruas onde existiam bares e armazéns que, aos sábados, ficavam cheios de cavalos parados nas portas, esperando seus donos, que vinham a essas vendas para as compras semanais ou às lojas comprar panos e aviamentos para a confecção das roupas da família.

Era uma Serra Negra onde ainda se ouviam os sinos da Matriz badalando para chamar o povo para as missas e rezas, ou para avisar das mortes que aconteciam. Era uma Serra Negra onde, nos feriados, a Banda Lira saía tocando às seis horas da manhã em alvorada, avisando o povo que era dia de festa. Era uma Serra Negra onde, já cedo, a molecada, vestindo calças azul-marinho e camisas brancas, se dirigia para estudar no Lourenço, e os jovens, vestindo terno de brim cáqui, camisas brancas e gravatas pretas, subiam a Rua do Ginásio para os estudos superiores.

Era uma Serra Negra onde, nas entradas principais, existiam três chafarizes, onde a água jorrava dia e noite, para dar de beber aos cavalos que eram alugados aos turistas em seus passeios, e também aos cavalos e burros do pessoal da roça, quando estes vinham para a cidade fazer compras. Ali também lavavam os pés antes de colocarem os sapatos, que até então carregavam nas mãos para entrarem na cidade.

Era uma Serra Negra de tantas lembranças que aprendi a amar, onde cheguei para estudar, mas resolvi ficar para sempre".

Fim.
Balo Angeli.

No tempo em que eu, Nestor Leme, escrevia para o extinto jornal Você Cidade, convidei o amigo Olinto Mário Angeli para que ele também escrevesse artigos para publicação naquele jornal. Ele topou, com a condição de que eu desse uma ajeitada no que escrevia. Assim, ótimos artigos escritos por ele foram publicados e apreciados pelos leitores. O artigo acima é o último de sua autoria. Era para ter sido publicado, mas ele impediu a publicação, pois não gostou das mudanças feitas na revisão.

Olinto Mário Angeli, ou simplesmente Balo, nasceu em Águas de Lindóia. Veio para Serra Negra para complementar os estudos no nosso ginásio, depois fez faculdade, formou-se químico industrial e foi trabalhar na Rhodia, em Campinas. Mas nunca abandonou Serra Negra, onde escreveu sua história, casou-se com dona Neide Demattei, formou sua família, jogou futebol como poucos e anotou o gol inaugural da história do nosso Estádio Municipal.

Por onde passou, só deixou amigos, conquistados por sua simpatia, bondade com o próximo e, principalmente, por sua conversa, na qual brincava com tudo e com todos.

No dia quatorze de fevereiro deste ano, Balo se foi, deixando um vazio enorme entre seus amigos e fazendo muita falta nas reuniões matinais do Bar do Zaga.

Entristecido com sua partida, resolvi homenageá-lo, enviando este artigo inédito, escrito por ele, para ser publicado nesta edição de "O Serrano".

Finalizando, só nos resta escrever: Vai com Deus, grande amigo Balo Angeli!

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

Às vezes tenho vontade de sumir

Acho que não sou só eu que tenho vontade de sumir de vez em quando. Problemas, caos mundial, guerras, interesses comerciais, pessoas gananciosas e malandras. O mundo está cheio de coisas e de pessoas ruins. Deus poderia ter criado um botão de desaparecer, aí poderíamos só sumir por um tempo e voltar quando a vida ou o mundo estivessem melhor.

Sumir não é desistir da vida, mas sim desistir momentaneamente de pessoas que passam os outros para trás; quem se diz amigo e trai; quem só pensa em dinheiro; quem perde a humanidade; ou desistir dos problemas financeiros e jurídicos. Sumir seria poder respirar o ar puro sem preocupações, sem doenças, sem problemas financeiros, sem as cobranças dos governos, sem as corrupções, sem televisão, sem internet, sem obrigações. Sumir não é morrer, é somente descansar da confusão e do caos do mundo.

Eu já fugi para um lugar deserto e, depois de algum tempo, a vida fazia falta. A verdade é essa: podemos fugir para uma praia deserta, uma cabana no mato, um lugar onde só exista silêncio, o tempo e o vento, mas esse silêncio acaba por causar tristeza, solidão e depressão. O silêncio e a solidão causam tristeza e depressão enquanto a sociedade, com suas guerras, ganâncias, corrupções, pessoas malandras, interesses comerciais e governos que buscam fontes inesgotáveis de impostos, taxas e cobranças, tudo isso causa um cansaço moral ao viver em sociedade. Me vejo lendo o Tempo e o Vento, de Erico Verissimo. A personagem Ana Terra vivia assim, lá nos cafundós do Rio Grande do Sul. A sós, distante de tudo, onde o tempo passava e o vento assobiava. A tristeza tomava conta da personagem.

É, o que cansa não é viver, mas, sim, conviver com as confusões do mundo! Mesmo querendo sumir, continuamos aqui, assistindo à todas as coisas erradas que acontecem no mundo, pagando contas, resolvendo problemas e, às vezes, mesmo ficando ausentes por depressões, saúdes ou pânicos, acabamos acordando uma hora tendo que nos conectar com essa sociedade que parece cada dia mais indigna.

Alguns caminhos nos ajudam quando a vida nos chama de volta. Nos elevarmos em todos os sentidos, em especial o espiritual, ajudar quem precisa, buscar a bondade e a compreensão ao invés da ganância, e tudo isso sem se deixar ludibriar por pessoas más. Talvez ninguém queira realmente sumir. Talvez só queiramos um mundo um pouco menos cruel para continuar existindo nele com felicidade e tranquilidade.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Aposentadoria interrompida: O transbordo da arte

***Fluxo Criativo** | Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Dizem que as montanhas de Serra Negra têm o poder de desacelerar o tempo, filtrando as urgências do mundo através das suas águas minerais. Quando me mudei para cá, confesso que vinha imbuído desse espírito: estava pronto para "pendurar as chuteiras" da gestão cultural, e me dedicar exclusivamente à solidão bendita das minhas telas e ao silêncio dos meus livros. A ideia era trocar o burburinho de São Paulo pelo murmúrio das fontes. Mas, como diz o ditado, a gente faz planos e a vida - ou a arte - ri deles.

Veio a pandemia e, com ela, o isolamento que paradoxalmente nos conectou. O que era para ser uma aposentadoria virou o embrião da ReArte em solo serrano. Começamos com as "releituras artísticas" transmitidas via internet, unindo dança, teatro e literatura quando os palcos físicos estavam mudos. A semente plantada desde 2016, ainda nos tempos da Sociedade das Artes, em São Paulo, encontrou na terra roxa do Circuito das Águas um inesperado solo fértil.

Neste domingo, 22 de março de 2026, farão exatos dois anos que inauguramos a nossa sede própria - aquela "casa de aço e paredes de vidro e com muitas plantas" - e percebo que ela é o reflexo perfeito do que nos tornamos. O vidro não está ali apenas pela estética; ele é o símbolo de uma transparência institucional que transbordou. O que nasceu como um desejo de pintar em paz transformou-se no que hoje maturamos como o Ecossistema Cultural ReArte. E que organismo vivo ele se tornou!

Às vezes, perco o fôlego ao listar nossas frentes de batalha, mas o orgulho recupera o ar. Somos um Ponto de Cultura reconhecido pelo Ministério da Cultura; somos o Museu ReArte, com o selo de autenticidade do IBRAM; somos a Biblioteca Sociedade Das Artes, integrada ao sistema estadual (SisEB). Nossa casa de vidro virou uma Residência Artística, onde hospedamos e orientamos talentos de todo o país, e o nosso Polo de Difusão Audiovisual agora dialoga ainda mais forte como Pontos MIS - uma parceria com o Museu da Imagem e do Som.

Olho para trás e vejo a trilha: dezenas de livros publicados, centenas de crônicas, curadorias incessantes e um sem-número de exposições. A ReArte não é mais apenas uma "releitura"; é um porto seguro para a preservação do patrimônio e para a difusão da arte contemporânea. Não por mera coincidência e, sim, por providência, celebramos o aniversário da sede no Dia Mundial da Água. Para nós, que habitamos o coração do Circuito das Águas, a metáfora é irresistível. A cultura, tal como a água, é um fluxo contínuo. Ela precisa de leito (nossa sede), de pureza (nossa ética) e de movimento para não estagnar.

No entanto, este domingo de celebração traz uma proposta inusitada. Em vez de uma vernissage monumental ou de uma maratona de cinema, decidi exercer o meu mais sagrado direito: farei um "Inventário do Ócio": a tarefa exaustiva de contar quantos pensamentos passam sem virar novos projetos culturais. Se a ReArte é um ecossistema, hoje serei o elemento em repouso. Meu presente para as paredes de vidro e para os meus próprios ouvidos (sempre atentos aos decibéis da vida) será o silêncio.

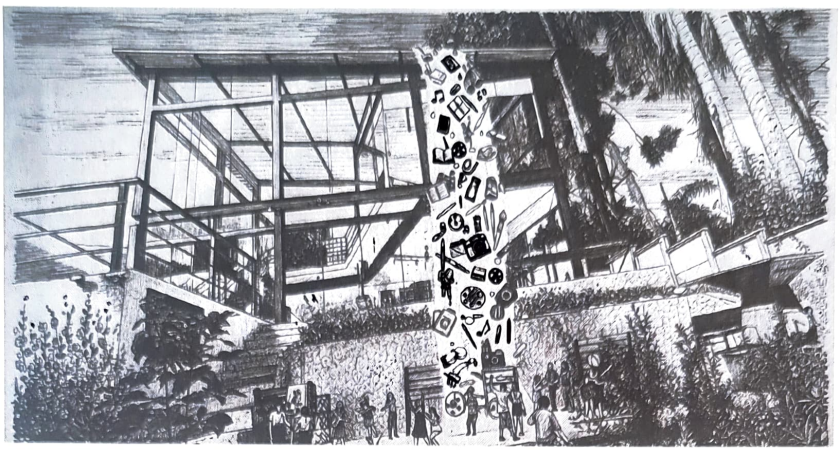
Vou celebrar o sucesso desse "Ecossistema" contemplando a fluidez da vida em um sofá confortável ao lado da família (que inclui o Dalekão, o cão de suporte emocional). Afinal, até os rios mais impetuosos buscam um remanso para refletir o céu. Parabéns à ReArte, nosso Museu, Ponto de Cultura, Biblioteca, Residência Artística, Cinema (Pontos MIS) e muitos etcéteras a mais, pelos dois anos de público pleno, prêmios conquistados e corações saciados.

104,5 fm
SERRA NEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19)
3892-2147
3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Por Henrique Vieira Filho

Aposentadoria interrompida: O transbordo da arte



Fluxo Criativo | *Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Dizem que as montanhas de Serra Negra têm o poder de desacelerar o tempo, filtrando as urgências do mundo através das suas águas minerais. Quando me mudei para cá, confesso que vinha imbuído desse espírito: estava pronto para "pendurar as chuteiras" da gestão cultural, e me dedicar exclusivamente à solidão bendita das minhas telas e ao silêncio dos meus livros. A ideia era trocar o burburinho de São Paulo pelo murmúrio das fontes. Mas, como diz o ditado, a gente faz planos e a vida - ou a arte - ri deles.

Veio a pandemia e, com ela, o isolamento que paradoxalmente nos conectou. O que era para ser uma aposentadoria virou o embrião da ReArte em solo serrano. Começamos com as "releituras artísticas" transmitidas via internet, unindo dança, teatro e literatura quando os palcos físicos estavam mudos. A semente plantada desde 2016, ainda nos tempos da Sociedade das Artes, em São Paulo, encontrou na terra roxa do Circuito das Águas um inesperado solo fértil.

Neste domingo, 22 de março de 2026, farão exatos dois anos que inauguramos a nossa sede própria - aquela "casa de aço e paredes de vidro e com muitas plantas" - e percebo que ela é o reflexo perfeito do que nos tornamos. O vidro não está ali apenas pela estética; ele é o símbolo de uma transparência institucional que transbordou. O que nasceu como um desejo de pintar em paz transformou-se no que hoje maturamos como o Ecossistema Cultural ReArte. E que organismo vivo ele se tornou!

Às vezes, perco o fôlego ao listar nossas frentes de batalha, mas o orgulho recupera o ar. Somos um Ponto de Cultura reconhecido pelo Ministério da Cultura; somos o Museu ReArte, com o selo de autenticidade do IBRAM; somos a Biblioteca Sociedade Das Artes, integrada ao sistema estadual (SisEB). Nossa casa de vidro virou uma Residência Artística, onde hospedamos e orientamos talentos de todo o país, e o nosso Polo de Difusão Audiovisual agora dialoga ainda mais forte como Pontos MIS - uma parceria com o Museu da Imagem e do Som.

Olho para trás e vejo a trilha: dezenas de livros publicados, centenas de crônicas, curadorias incessantes e um sem-número de exposições. A ReArte não é mais apenas uma "releitura"; é um porto seguro para a preservação do patrimônio e para a difusão da arte contemporânea. Não por mera coincidência e, sim, por providência, celebramos o aniversário da sede no Dia Mundial da Água. Para nós, que habitamos o coração do Circuito das Águas, a metáfora é irresistível. A cultura, tal como a água, é um fluxo contínuo. Ela precisa de leito (nossa sede), de pureza (nossa ética) e de movimento para não estagnar.

No entanto, este domingo de celebração traz uma proposta inusitada. Em vez de uma vernissage monumental ou de uma maratona de cinema, decidi exercer o meu mais sagrado direito: farei um "Inventário do Ócio": a tarefa exaustiva de contar quantos pensamentos passam sem virar novos projetos culturais. Se a ReArte é um ecossistema, hoje serei o elemento em repouso. Meu presente para as paredes de vidro e para os meus próprios ouvidos (sempre atentos aos decibéis da vida) será o silêncio.

Vou celebrar o sucesso desse "Ecossistema" contemplando a fluidez da vida em um sofá confortável ao lado da família (que inclui o Dalekão, o cão de suporte emocional). Afinal, até os rios mais impetuosos buscam um remanso para refletir o céu. Parabéns à ReArte, nosso Museu, Ponto de Cultura, Biblioteca, Residência Artística, Cinema (Pontos MIS) e muitos etcéteras a mais, pelos dois anos de público pleno, prêmios conquistados e corações saciados.